

**ANÁLISE TEMÁTICA E ESTILÍSTICA DE EU, O POVO,
POEMAS DE REVOLUÇÃO POR JOÃO BARNABÉ MUTIMATI**

EBENEZER ADEDEJI OMOTESO
King's College London

Todos nós creio que concordamos em que o escritor se deve situar na sua época e exercer a sua função de formador de consciência, que seja agente activo de um aperfeiçoamento da humanidade.

Agostinho Neto

INTRODUÇÃO

O autor de **Eu, o Povo**, conhecido em África como Barnabé João Mutimati, mas cujo nome verdadeiro é Antônio Quadros, é artista e cidadão português, portanto, escusado será dizer, como demonstra a sua obra poética, que tem muita simpatia por Moçambique e o seu povo, inclusive a Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO), a vanguarda da libertação política do país. Manuel Lopes, escritor, poeta e ensaísta cabo-verdiano, disse uma vez que, "é a simpatia que desperta a inteligência para a compreensão intrínseca das coisas e leva os homens a ser integrais e justos".¹ Claro, é essa simpatia que leva um Manuel Ferreira, outro escritor e ensaísta português, a conhecer, talvez mais do que outro crítico, a alma crioula do cabo-verdiano, do mesmo modo que um António Quadros consegue compreender o moçambicano e partilhar os seus problemas.²

Ao publicar esta obra, António Quadros mostra uma compreensão profunda da problemática do moçambicano e do africano colonizado. Vindo à lume em 1975, é possível dizer que a obra é escrita para honrar a Independência de Moçambique, que ocorreu no mesmo ano. Segue a tradição literária de resistência e libertação: apelo à mobilização para a lu-

ta, ou seja, à tomada das armas, a temática mais proeminente da poesia moçambicana nas décadas de 1960/1970.³ Serão examinados, neste ensaio, os temas, aspectos estilísticos, como a ironia e anáfora, e característica didática desta obra que consideramos uma contribuição importante para a literatura moçambicana moderna.

O TEMA DA GUERRA

Verdadeiros “poemas de revolução”, lê-se no subtítulo da obra, o tema da guerra é muito importante, a maioria dos poemas celebram o heroísmo dos guerreiros moçambicanos durante a luta pela Independência do país.⁴ Segundo afirmou Mário de Andrade, ao comentar sobre a poesia africana de expressão portuguesa,

... o comportamento do sujeito-poeta nas batalhas populares permitiam lançar as bases da identificação do autor com o seu público.⁵

É fácil aplicar esta observação a **Eu, o Povo**, porque o sujeito-poeta ou poeta-militante conta a sua participação na luta popular e revolucionária dos moçambicanos para se libertarem do colonialismo português. De novo, nas palavras de Mário de Andrade, ao definir **Eu, o Povo**, o poeta “[interpreta] a vida íntima dos combatentes em situação de guerra, recria, refaz e restitui poeticamente algumas fases do itinerário da luta da FRELIMO”.⁶

Mutimati afirma que só a força unida do povo é capaz de derubar o sistema colonial, o que é simbolizado na árvore do poema “Operação de Libertação”.⁷ Sabe, evidentemente, que não há uma força maior do que a do povo, e que o povo reunido em “Exército de Libertação” é a verdadeira força da revolução, o que mostra com palavras simples e figurativas.

Esta árvore é o inimigo
Destroncar esta árvore é uma operação contra o inimigo
...
Onde há uma árvore maior que a força do Povo?

Se vier o velho, a mulher, o menino todos um e um e um
Riscar com a unha do dedo pequeno lambar com a língua
Nove milhões de pequenas carícias e pouca força
Esta árvore cai mesmo.⁸

A idéia da unidade e da força do povo é reforçada em “Municipiamento”, além de pôr em relevo a importância da participação de todas as camadas da sociedade durante a guerra de libertação de Moçambique. Descreve a acção desempenhada pelas mulheres moçambicanas. Libertaram-se e constituíram uma força de trabalho e de combate antes inexistente, ligaram a zona libertada aos guerrilheiros e constituíram a coluna de “Municipiamento”; destarte o poema mostra os papéis utilíssimos que as mulheres poderiam desempenhar se tivessem consciência e fossem mobilizadas. Não podemos deixar de citar o poema inteiro, devido ao estilo: palavras simples, no entanto significativas, e o uso de metáfora.

Andando no corta-mato colado na terra
Vai o bicho novo que nasceu aqui no país novo
Vai o bicho cumprido com muitas pernas
E não é bicho centopeia, é maior, é bicho novo
Tem tantos olhos, olhos com pernas, e muito esquisito
E não é bicho mil olhos, não é tão cego, é bicho novo
Tem paciência, tem muita força, muito coração
Faz trabalho escravo com Alegria, é esquisito
Faz força, sua sorrindo, é impossível
Tem espinho de saco de grão, de caixote
Anda escondido, colado na terra, mas não tem medo
É mesmo esquisito este bicho novo, é bicho Povo
Ligando a zona libertada ao guerrilheiro
É um bicho contente fazendo trabalho escravo
Mas é, pensa que não e chama-lhe outro nome

Então trabalho do escravo tem outro nome?

Alguma coisa mudou, não é só nome
O bicho novo come comida nova, come Alegria
É a coluna das mulheres do Municipiamento
Trabalho tem outro nome. É Produção.⁹

Em **Eu, o Povo**, a guerra -- tema inspirador -- aparece como meio importante de conquistar a liberdade. O poeta afirma essa idéia ao cantar a vantagem da guerra em “Operação da Guerra”; afirma nas últimas estrofes:

Por onde passa o Exército de Libertação
Fica um rasto verde e cheiroso e o caminho aberto

Para passar a Liberdade e o Futuro
É fácil ver quem passou aqui.¹⁰

O TEMA DA ESPERANÇA

O tema da esperança, senão mesmo da certeza, é muito importante na poesia africana de expressão portuguesa.¹¹ Em **Eu, o Povo**, é bem visível em “Ver na Cabeça”, “Floresta de Frutos” e “Venceremos”. Estes poemas mostram a ansiedade do poeta e do povo de conquistar a liberdade para poder começar o trabalho de renovação e de reconstrução da Terra deles. Em “Floresta de Frutos”, o poeta evoca o “capataz, pastor e técnico colonial”,¹² os três pilares nos quais era baseado o monstruoso sistema colonial, assegurando o sucesso da exploração colonial, mas que o poeta revolucionário vencerá. Vê-se seguramente como o poeta carrega em si toda a tristeza da Terra. Felizmente, na poesia mutimatiana o estado de tristeza não dura, logo transforma-se em alegria, que vem da certeza do poeta e do povo em vencer a guerra. Ele canta assim o “optimismo revolucionário”,¹³ que não seja um optimismo fácil, que só a guerra pode libertar o povo colonizado.

A ESCOLA NOVA

Acrescente-se, com ênfase, que o poeta tem consciência de que o país independente tem que ser reorganizado administrativa, económica e politicamente, atendendo as exigências do seu crescimento e seu progresso. Encontra-se a idéia em “Pés da Messa”,¹⁴ onde afirma que as crianças, o camponês, o pescador, o operário e o estudante, e mesmo o soldado precisam ter consciência e mobilizarem-se. Enfim, toda a sociedade precisa ser reformulada, o que incluirá a criação de novas classes sociais e estruturas, em particular a “Escola Nova”. Assim aparece o carácter didáctico dos poemas de Mutimati.

Vi na minha aldeia com os velhos felizes
Os doentes no Posto Hospital e as crianças na Escola Nova
Aprendendo a ficar homens com Ciência Prática.¹⁵

O poeta não exagera ao dizer que a escola colonial falhou, todo o sistema colonial, enfim, carregava as injustiças de várias ordens. Precisamente, Mutimati acusa o colonizador de não ensinar o que deveria, por

exemplo, não ensinou o colonizado a aprender com a Natureza para poder aproveitar as suas forças.¹⁶

O TEMA DA NATUREZA

A natureza é um outro tema muito proeminente em **Eu, o Povo**. A paisagem moçambicana onde ocorreu a guerra da libertação é aí evocada. Há versos descrevendo a destruição da natureza. Portanto, o que importa na obra, é a reconstrução do país, inclusive a paisagem ou a natureza. Também, Mutimati apoia o aproveitamento dos recursos naturais, o que é evocado na maioria dos poemas.

Em “Eu, o Povo” -- poema título -- o poeta diz que ele vai aprender a aproveitar as forças de todos os elementos da Natureza, nomeadamente: a terra, o fogo, a água e o vento. Logo vê-se, de novo, o carácter didáctico da poesia de Mutimati nos últimos versos do poema.

Eu, o Povo
Vou aprender a lutar do lado na Natureza
Vou ser camarada de armas de quatro elementos
...
Eu, o Povo Moçambicano
Vou conhecer as minhas Grandes Forças todas.¹⁷

Em “Estruma” é mostrada a necessidade de trabalhar muito e de se cuidar da terra, a fim de ter o melhor resultado do seu cultivo. O poeta também aconselha o povo a tirar o proveito do vento na produção agrícola. Antes de mais nada, o vento deve ser dirigido, diz o poeta em “O Vento na Produção”. O poema fecha com um apelo urgente e importante.

Vamos aprender do Vento e de todos
Vamos por o vento na Produção.¹⁸

Notemos o recurso à anáfora, que põe em relevo a ideia dos versos e o paralelismo e a beleza deles. Sobretudo indica a urgência da necessidade de por o vento na produção. Acrescentemos que o poeta-sujeito expressa claramente o desejo de melhorar os meios de exploração da terra com a Ciência Prática em “Semeadora”. Pode afirmar-se que, “O poeta não fala apenas por si, fala também pelos outros homens. A voz do poeta é a voz dos homens que só ele sabe articular...”¹⁹ Pois o seu desejo de melhorar as ferramentas agrícolas, que pode contribuir bastante para o progresso da

produção, é igualmente o de muitos camponeses em toda a 'África e mundo'.

Obvio é que precisa-se da Escola Nova e Ciência Prática para ensinar ao povo tudo que a escola colonial não ensinou, e que todas as camadas sociais deveriam saber. De facto, os poemas de **Eu, o Povo** são poemas telúricos, tendo muito a ver com a terra, em particular. Mostram a consciência aguda que tem o autor da importância da terra para o homem, sobretudo na área da agricultura, mas para que a terra dê o máximo deve ser estrumada e o homem deve servir-se de boas ferramentas.

OS ASPECTOS ESTILÍSTICOS

Quanto aos aspectos estilísticos, já vimos o uso de anáforas, a fim de enfatizar as ideias, principalmente. Agora acrescenta-se que embelece os versos. Também é de indicar a presença de palavras simples, tão utilizadas pelo poeta, no entanto, não são banais nem ocultam seus significados. Pode mesmo dizer-se que os poemas têm a simplicidade das narrativas. As suas comparações e imagens são bem conhecidas, não são obscuras, nem ocultam seus significados.

A primeira estrofe de "Semeadora" é típica das figuras e comparações que compõem o universo poético mutimatiano.

Os pássaros de ferro à ordem do inimigo
Fizeram a sua excrementação, puseram os ovos estéreis
Onde quis a nossa invenção de capim e aparência²⁰

Estamos de acordo que o leitor se aperceberá sem dificuldade da imagem do avião tirando bombas. Dá para compreender facilmente as metáforas, porque o poeta usa sempre nelas os elementos da Natureza -- ave, árvore, elefante, terra -- objectos que são muito populares e conhecidos. Certamente, o Mutimati sabe que "... em suas origens, toda a poesia um acto social em que comungam o poeta e o povo".²¹ Dirige-se ao seu povo, precisamente, aos seus irmãos, daí a frequência da palavra "camarada" na obra conferindo-lhe força e ênfase, o que também cria a atmosfera de solidariedade. Escreve às vezes, a letra inicial de camarada em maiúscula para mostrar a importância do conceito na sua poesia. Promove outros conceitos de colectividade e unidade; de mesmo modo, os conceitos de Vida, Terra, Povo, Estrume, Suor, Natureza, e Vento são salientados, mostrando a preocupação do poeta para com o povo e a terra.

Demais, o poeta usa a ironia, ao chamar o napalm de "técnica

agrícola” em “A Queimadura”.

Aquele pássaro de ferro e o seu excremento poderoso
Vieram fazer a queimada fora do tempo
Deve ser uma nova técnica agrícola científica
Que tem que queimar tudo até água
E mesmo até um monitor agrícola

A ironia revela-se mais quando o poeta diz:

Grandes cabeças do Ocidente pensaram muito
Decidiram que sabiam resolver da nossa Agricultura
E mostrar ao monitor Rafael que ele perdia razão
Quando dizia da queimada é contra o Povo
Porque mata na terra as sementes do Futuro.²²

Sabe-se que o napalm é uma arma mortal e que a queimada faz mal às sementeiras, o que o poeta diz de maneira indireta, a fim de melhor exprimir-se retoricamente e ridicularizar os colonizadores. Por fim, é possível observar que Mutimati consegue resolver o problema da relação entre o conteúdo e a forma, criando uma obra tanto **útil** como **dulce** evocado por Horácio,²³ embora haja uma ênfase maior na primeira.

Concluindo, o tema da guerra é muito importante em **Eu, o Povo**: desempenha o papel de inspirador do povo para se libertar. Por outro lado, assistimos, de verso em verso, de poema em poema, ao processo da guerra de libertação através do modelo moçambicano, liderado pela Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO). Tal guerra, pode dizer-se, terá êxito se os guerrilheiros tiverem em conta o seguinte: a vigilância, unidade, solidariedade da sociedade; a educação e mobilização do povo; sacrifícios e participação de todos os sectores da sociedade. De outro lado, o poeta nomeia os elementos e as estruturas, como a Escola Nova e a Ciência Prática entre outros, que assegurarão o progresso da sociedade depois da guerra de libertação. A natureza não só aparece como paisagem, mas também serve de fonte riquíssima de imagens, figuras e símbolos.

A nosso ver, sem nenhum traço de imperialismo nem de paternalismo, há nos poemas de Mutimati uma lição, ou seja, uma mensagem importante: o aproveitamento de Tudo, quer dos recursos humanos, quer dos recursos naturais, inclusive o desenvolvimento da Ciência Prática própria. Eis uma lição importante para todos os países da África, independente e dependentes, e outros do chamado Terceiro Mundo. Mutimati é um escritor inteiramente empenhado em dar voz aos desesperados como em

inspirá-los a fim de se emanciparem política e economicamente.

Coloca-se, a propósito do debate sobre a natureza e a função da literatura moderna de Moçambique, ao lado dos poetas que falam a “voz do povo”.²⁴ Além de tratar da problemática do homem negro, fala literariamente a “voz colectiva” ou a língua do povo; ambos os factos levaram a Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO) a patrocinar a sua poesia. Lê-se justamente no rosto da capa;

Mutimati é a voz individual que corporiza a voz colectiva. **Eu, o Povo** é agora pertença de Moçambique. O povo moçambicano é o seu autor.²⁵

A bem dizer, a obra é posta ao serviço de um ideal social e político, o poeta é, antes de nada, um escritor do povo. Contribui para o vigor do discurso poético moçambicano e à luta dos povos explorados e colonizados. **Eu, o Povo** é uma obra para sempre. Uma obra clássica.

NOTAS

1. Manuel Lopes, “Tomada de Vista”, **Claridade**, São Vicente, Cabo Verde, março de 1937, p.9.
2. Manuel Ferreira, como se sabe, não é só estudioso de primeira ordem das literaturas africanas de expressão portuguesa, sobretudo a caboverdiana. Também escreveu romances e histórias que tratam dos temas de Cabo Verde. Apenas citamos as seguintes, entre as suas obras:
 1. **A aventura crioula -- ou Cabo Verde, uma síntese étnica e cultural**, Lisboa, Ulisseia, 1967, 276p.
 2. **Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa**, 2 volumes, Lisboa, Instituto de Cultura Portuguesa, 1977.
 3. No reino de Caliban, Antologia Panorâmica da Poesia Africana de Expressão Portuguesa, 3 volumes, Lisboa, Seara Nova, (1975, 1976, 1983).
3. Basta citar duas obras entre muitas que tratam do tema da guerra, ou seja, da revolução:
 1. Poesia de combate (Poemas de militantes da FRELIMO), Caderno, nº 1s/1., Departamento de Educação e Cultura da FRELIMO, 29p.
 2. **Poesia de combate**, Segunda colecção, Ed. do Departamento de Trabalho Ideológico da FRELIMO, 1977, 130p.

4. Em Moçambique a luta pela Independência começou em 1965 e terminou em 1974, devido ao vencimento e rebelião das Forças Armadas de Portugal, sobretudo nos ditos territórios ultramarinos.
5. Mário de Andrade, **Antologia Temática de Poesia Africana I: Na Noite Grávida de Punhais**, Lisboa, Livraria Sá da Costa, 1975, pp.10-11.
6. Idem, **Antologia Temática de Poesia Africana II: O Canto Armado**, Sá da Costa, Lisboa, 1979. p.12.
7. J.B. Mutimati, **Eu, o Povo (Poemas de revolução)**, Lourenço Marques, Edição da FRELIMO, 1975. Note-se que as páginas da obra não são enumeradas.
8. Ibid.
9. Ibid.
10. Ibid.
11. Fernando Martinho escreveu um ensaio muito interessante intitulado "O tema da esperança na poesia africana de língua portuguesa", publicado no Colóquio/Letras, nº 39, Lisboa, setembro 1977, pp.5-6.
12. J.B. Mutimati, "Floresta de Frutos", op. cit.
13. Este é o tema dum artigo inédito de G.G. Darah, "Revolutionary Optimism in Agostinho Neto's poetry", lido ao Department of Modern European Languages, University of Ife, Ile-Ife, Nigéria, no dia 6 de maio de 1968.
14. Ibid., "Pés de Mesa".
15. Ibid., "Ver na Cabeça".
16. Ibid., "As Linguagens".
17. Ibid., "Eu, o Povo".
18. Ibid., "Vento na Produção".
19. George Thomson, **Marxismo e Poesia**, Lisboa, Editorial Teorema, 1977, p.116.
20. J.B. Mutimati, op. cit.
21. George Thomson, op. cit.
22. J.B. Mutimati, "A Queimadura".

23. René Wellek e Austin Warren, **Teoria da Literatura**, (Tradução portuguesa), Lisboa, Publicações Europa-America, 1962, p.36.
24. Russel G. Hamilton, **Literatura Africana-Literatura Necessária II: Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe**, Lisboa, Edições 70, 1984. pp.16-20. Leia a interessante polémica acerca da natureza e função da literatura moçambicana, sobretudo a troca de literatura (moçambicana) enraizada na problemática do homem negro, ou seja, na sua realidade social; enquanto o segundo prefere uma literatura que enfatiza mais a forma ou a técnica literária. É claro que Mutimati consegue transcender estas considerações ao escrever poesia que tanto valoriza a realidade social de Moçambique como a técnica literária.
25. João Barnabé Mutimati, op. cit.